

e os locais onde se desenrolaram algumas cenas da chacinha, Pham Thi Trinh conta a sua história e lembra o que viu naquela manhã sangrenta.

A sua família foi surpreendida pelos soldados da companhia *Charlie*, quando tomava o café da manhã. No momento em que eles entraram e começaram a disparar, a mãe empurrou-a para o abrigo subterrâneo da casa, sem que os soldados notassem. Aterrorizada, ela ficou aí durante cerca de uma hora, ouvindo os tiros, os gritos e o crepitar das chamas. Depois, entrou na casa do lado, para procurar a mãe, e viu uma mulher ainda viva, a barriga aberta à baioneta e com um bebê chorando, agarrado a ela. O pranto da criança denunciou mãe e filho, atraindo a atenção de um soldado, que entrou na casa e liquidou os dois. Os cadáveres caíram sobre Thi Trinh, que o norte-americano julgou estar morta.

Durante um longo período, ela não se moveu debaixo dos cadáveres. Depois, saiu da casa e entrou em outra, onde encontrou o cadáver da tia. Fugiu e regressou à casa que ainda não se incendiara. Deparou com a avó morta num armário onde havia se escondido e viu a mãe agonizante. Agarrou-se a ela, que exortou a filha e todos os sobreviventes a tentarem qualquer modo de fuga. "Minha filha, tenta viver. Eu estou morta", são as últimas palavras que Thi Trinh recorda da mãe.

Aqui a memória da jovem confunde-se. Lembra-se da mãe se arrastando para fora da casa, já atingida pelo fogo, e de ter visto o cadáver do irmão de sete meses. Escondeu-se de novo no esconderijo que horas antes lhe tinha salvo a vida, com o corpo coberto do sangue da mãe e das outras vítimas. Acredita que se salvou porque eles se esqueceram de dinamitar a sua casa como tinham feito com todas as outras.

Saiu do abrigo e viu o corpo queimado do irmão de sete meses, apenas com o rosto reconhecível. Todos os outros parentes estavam semicalcinados. Ficou agarrada ao cadáver da mãe até que o fogo a obrigou a deixar a casa. Tudo ardia à sua volta e não encontrou os outros sobreviventes que moravam a dois quilômetros do lugar. Correu pela estrada por entre cadáveres, animais mortos e árvores queimadas. Sufocada pela fumaça, passou pelo posto de autodefesa da aldeia e viu os corpos amontoados das 102 pessoas que ali haviam sido assassinadas. Foi quando desmaiou de medo.

Ao anoitecer, os camponeses que tinham vindo das aldeias vizinhas para enterrar as vítimas do massacre, encontraram-na desmaiada, julgando-a morta.

Mas Thi Trinh recuperou os sentidos e salvou-se de ser enterrada viva. Foi recolhida pelo coletivo de uma aldeia onde passou a viver com o pai. Só dois anos depois, visitou as ruínas de sua aldeia.

Os sonhos de uma jovem

O depoimento de Kim Phuc, a menina cuja imagem correndo por uma estrada, após ser queimada por uma bomba de napalm, se transformou num dos símbolos do horror da guerra

5 de junho de 1972. Pelos alto-falantes instalados ao redor de Trang Bang, os 2.000 habitantes desta aldeia situada 50km ao norte de Saigon, à beira da Estrada Nacional nº1 (que, desde a colonização francesa, é chamada de "Mandarina"), recebem ordem para evacuar as suas casas nas próximas duas horas: Trang Bang fora condenada a transformar-se em "zona branca", o que, na linguagem do comando militar norte-americano, quer dizer destruição total.

As famílias juntam o que podem e caminham pela "Mandarina" em direção à "aldeia estratégica" que o exército lhes destinou. Algumas delas - 100 pessoas, entre as quais muitas crianças - abrigam-se num pagode situado a 700 metros da aldeia.

Horas depois, surgem os primeiros bombardeios, que, em duas passagens, fazem de Trang Bang um monte de escombros. Três dias mais tarde, na manhã de 8

de junho, dois *Skyraider* da Força Aérea norte-americana completam a missão, lançando bombas de *napalm* de 500 quilos. À primeira passagem dos aviões, uma bomba cai junto do pagode e os adultos gritam às crianças para correrem em direção aos soldados sul-vietnamitas. Mas, quando elas estão abandonando o templo, um *Skyraider* larga uma bomba sobre ele.

Phan Thi Kim Phuc, de nove anos de idade, é envolvida no fogo pegajoso do *napalm*. A roupa arde num instante e ela sente uma dor lancinante, mas consegue correr 500 metros pela estrada, com os irmãos e primos, até cair desmaiada.

A foto, 12 anos depois - A foto que o repórter da *Associated Press*, Nick Ut, tira desse instante corre mundo, é impressa em milhares de jornais e revistas ao longo dos anos, tornando-se uma das mais célebres da guerra do Vietnã: a da menina correndo nua pela estrada.

AS GRANDES REPORTAGENS

Memórias de

da, o corpo queimado e o horror estampado no rosto, num cenário de fogo e destruição. "É difícil não perder a fé na humanidade em face de tais imagens", foi a legenda do *New York Times* quando a publicou.

Doze anos mais tarde, Kim Phuc voltou a ser notícia na televisão e imprensa internacional. A foto, tirada em 1972 em Trang Bang, surgiu de novo nos jornais, ao lado de outras que mostravam Kim depois de uma cirurgia plástica recente efetuada na Alemanha Federal.

É a história do período decorrido entre essas fotos que Kim Phuc conta ao enviado de **cadernos** numa manhã quente de maio, no terraço do Hotel Rex (Ben Thanh em vietnamita), na Cidade de Ho Chi Minh.

Kim Phuc tem hoje 22 anos. Vestida com uma camisa de manga comprida que esconde as cicatrizes, o rosto aberto num sorriso terno — o *napalm* que queimou 75% do seu corpo não atingiu a face —, ela bem pode ser confundida com as outras bonitas jovens que cruzam as ruas da cidade. Numa voz pausada e frases curtas, Kim recorda o dia em que, pela primeira vez, compreendeu o que era a guerra.

Lembra-se da dor terrível da corrida pela estrada e de acordar no hospital de Saigon muito cansada, com o corpo rasgado pelo sofrimento. O pescoço, as costas e o lado esquerdo do tronco tinham sido completamente atingidos pelo fogo. As mãos estavam semiparalisadas e insensíveis, o braço esquerdo mais curto três centímetros que o direito e o pescoço sem mobilidade.

Esteve internada oito meses no hospital e regressou depois, com a família, para Trang Bang, que os seus habitantes teimaram em reconstruir. Nos 14 meses seguintes, deslocou-se com a mãe, todas as semanas, a Saigon, para tratar-se. Ao fim de dois anos de tratamento, continuou os exercícios em casa, para readquirir um pouco dos movimentos das mãos.

Com os poros da pele destruídos, Kim continuou a sofrer com as queimaduras que se abriam nas mudanças de clima e nos meses mais quentes, provocando-lhe dores quase insuportáveis (o que acontece até hoje).

Conseguiu recuperar-se um pouco, o que lhe permitiu frequentar a escola. Fez o curso secundário e ganhou um prêmio de melhor aluna no último ano. Em 1982, preparou o ingresso na faculdade de medicina.

Porém, nesse ano, o estado de saúde de Kim se agravou, impedindo-a de se preparar devidamente para o exame de admissão. "Tinha constantes dores de cabeça, que não deixavam que eu me concentrasse". No ano seguinte, ela conseguiu ser admitida na faculdade, mas, no final de quatro meses de estudo, piorou, o que levou os médicos a proibirem de seguir um curso demasiado exigente para a sua debilidade física. Hoje, ela é estudante de inglês.

Um hospital na Baviera — Naquela manhã de junho de 1972, o fotógrafo da AP não era o único correspondente estrangeiro que cobria o bombardeio de Trang Bang. Estavam no local pelo menos três equipes de televisão dos EUA, uma da Ho-

landa e dois outros fotógrafos da revista alemã *Stern*, Klaus Liedtke e Perry Kretz. Eles sabiam que, nesse dia, a aviação norte-americana iria varrer do mapa mais uma aldeia do sul do Vietnã.

Testemunhas diretas dos bombardeios e com um contato quase físico com as vítimas, a visão de Kim Phuc queimada perturbou os dois alemães. Um ano depois, Perry Kretz e Klaus Liedtke visitaram Kim em Saigon. Ela acabara de sair do hospital e continuava sofrendo, mas — lembra Kretz — disse aos dois fotógrafos que tinha fé na vida e já então desejava tornar-se professora ou médica. Kretz, que continuou a cobrir a Indochina após a reunificação do Vietnã, visitou Kim outras vezes.

Em março de 1983, quando foi proibida de prosseguir o curso de medicina, Kim enviou uma carta à redação da *Stern*. "Vocês estão longe — escrevia — e, por isso, não podem imaginar o meu sofrimento. Nos últimos meses, fez muito calor no Vietnã e as feridas voltaram a se abrir. Quase não consigo suportar a dor. Gostaria de morrer."

A leitura dessa carta desesperada fez Kretz propor à direção da revista que financiasse a ida de Kim Phuc para um hospital da Alemanha Federal, especializado em queimaduras. A *Stern* aceitou e, em junho de 1984, Kretz viajou ao Vietnã, a fim de buscar a jovem amiga.

Kim Phuc esteve quatro semanas no hospital de Ludwigshaffen, na Baviera, onde o dr. Rudolf Zellner restabeleceu alguns músculos do pescoço, a mobilidade das mãos e deixou os braços do mesmo tamanho.

Cicatrizes e sonhos — As cicatrizes profundas de Kim Phuc não desapareceram com os transplantes de pele em Ludwigshaffen. Ela continua fraca, sem força sequer para pegar numa faca e cortar um simples bife. Surgem-lhe, freqüentemente, manchas vermelhas e grandes bolhas na pele sem poros, que queimam muito quando o tempo esquenta. Ela tem dificuldades em suportar o sol durante os dois minutos necessários para as fotos. As dores de cabeça voltam constantemente, impedindo-a de se concentrar, e cansando-a ao falar, mas ela não perde o sorriso.

Durante a entrevista no terraço do Hotel Rex, Kim Phuc fala dos seus sonhos: continuar os tratamentos, recuperar-se das feridas, poder olhar para o espelho sem chorar, ter forças para ser médica.

"Não odeio os aviadores que lançaram o *napalm*, nem os norte-americanos. Sei que houve muitos que lutaram contra a guerra do Vietnã. Mas tenho um ódio profundo à guerra e àquelas que a decidiram e comandaram", afirma, agora sem sorrir.

Antes de se sentar diante da câmara, Kim vai ao banheiro do hotel para se pentear e preocupa-se com a brisa que despenteia seus cabelos. Depois, pede que lhe envie uma das fotos tiradas. "Para, quando tiver um namorado, eu poder lhe oferecer", diz, retomando o sorriso.

A foto já foi enviada.

1972: a foto de Kim Phuc queimada por napalm choca o mundo

